

Nº 24
ANO 02
Maio
2001



Galante

Scriptorim **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

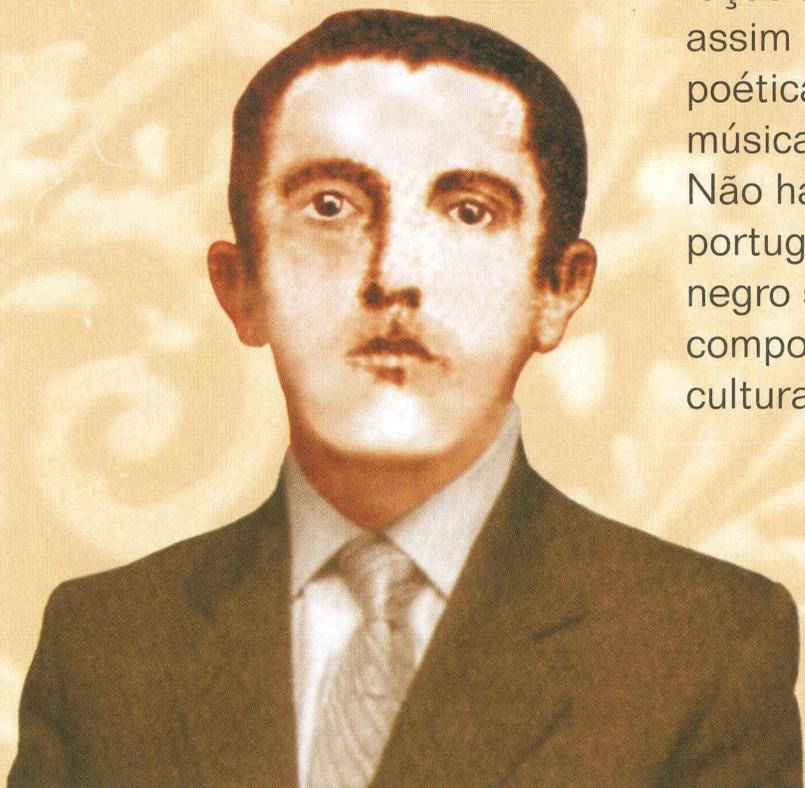
Serenatas

Cláudio Galvão

"Flor amorosa de três raças tristes". Olavo Bilac assim pintou em imagem poética a origem de nossa música.

Não há dúvida de que o português, o indígena e o negro são os grandes componentes da nossa cultura, inclusive musical.

(Cont.)



Olympio Batista Filho(RN)

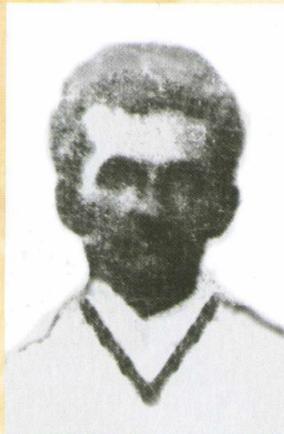


Carolina Wanderley(RN)



Homenagem ao Poeta

O nativo e, principalmente, o africano contribuíram decisivamente para o que temos de mais significativo, que é a riqueza e variedade de nossos ritmos. Ao branco europeu deve-se a parte mais intelectualizada, erudita, baseada na velha e bem definida cultura ibérica. O negro e o índio tiveram, inicialmente, sua música segregada, esmagada pela música dos europeus



Heronides de França(RN)

considerando-se o século XIX como um marco de definição das nossas características básicas, encontramos como formas musicais as primeiras e bem assumidamente brasileiras, o lundu, de origem africana, e a modinha, de raízes



Sinhazinha Wanderley(RN)

civilizados que deles se serviam, mas os escravizavam e matavam. Era uma música vista, a princípio, quando muito como algo excêntrico e curioso. O bom, o refinado, era sempre o que vinha da Europa. Muito se tem estudado na tentativa de encontrar e definir as primeiras manifestações de nossa música. Não há dúvida que,



Deolindo Lima(RN)

européias. A modinha tem sido defendida como produto legitimamente nacional e tudo indica que há razão na afirmação. O que não pode ser desconsiderado é que a modinha brasileira é uma canção, forma que consiste em um poema musicado, para ser cantado com acompanhamento de um instrumento musical. Não pode haver dúvida da origem européia da canção. Não se diria apenas portuguesa, visto que as mais remotas civilizações em todo o mundo registram a existência do canto acompanhado. O lundu era mais movimentado, seu ritmo mais acentuado e, embora pudesse ser dançado, possuía sempre uma letra de conteúdo chistoso e até malicioso. Por sua vez, a modinha era sentimental e tinha o amor como tema mais constante, exposto em poemas onde a tristeza da perda, a ausência ou do amor impossível eram as maiores constantes. As melodias se harmonizavam perfeitamente com o sentimentalismo desses ambientes. E cá entre nós, na pequenina capital da província do Rio Grande do Norte? Não há registros antigos. Câmara Cascudo informa que Sebastião Francisco de Melo Póvoas, presidente da província entre os anos de 1811 a 1816, gostava de cantar, tocava viola e reunia um grupo para cantar no descampado onde hoje é a praça André de Albuquerque. Parece ser a mais antiga notícia sobre o assunto. Decerto cantavam modinhas ou, se ainda elas não estivessem bem definidas, cantavam o

que mais tarde viria a ser a modinha. O cantor de modinhas desde aqueles finais do século XIX já era visto numa perspectiva ambivalente. Por um lado, era admirado pelos seus dotes de cantor e acompanhador ao violão, elemento indispensável nas festas, saraus e serenatas, em tempos onde não havia cinema, rádio, disco e televisão. Por outro lado, o preconceito social contra o cantor e a coincidência que, na maioria das vezes acontecia com sua vida boêmia, sempre o fazia mal visto e desfavoravelmente criticado. Muita gente teve problemas por isso. Muitos empregos e funções foram comprometidos. Muito casamento deixou de ser permitido, pois raro era o pai que tinha sua filha para casar com rapaz que tocava violão e fazia serenata ... A figura do *pândego*, do boêmio, farrista, *perdido*, associava-se à imagem dos velhos cantores e compositores. Mesmo assim, muitos enfrentaram o preconceito e preferiram gozar do lado bom da atividade. Lourival Açucena, nosso primeiro poeta (1827-1907) é também o primeiro a indicar, quando publicava seus versos nos jornais da cidade, que eles tinham *muzica do auctor*. Sua vida está repleta de episódios



CANÇÃO DO TROVADOR

Música e letra de Olympio Baptista Filho

VOZ

A - bre a ja - ne - la, vem ou - vir, que - ri - da,
Um lou - co tro - va - dor que can - ta ao lu - ar, vem ou
vir a can - ção de min - ha vi - da, vem ou -
vir meu a - mor bal - bu - ci - ar. Vem ou - ar. Che - ga - te a

Chega-te a mim, embora comovida, para escutar a minha voz sonora; esta voz que por ti, a cada hora, chora de amor e chora arrependida.

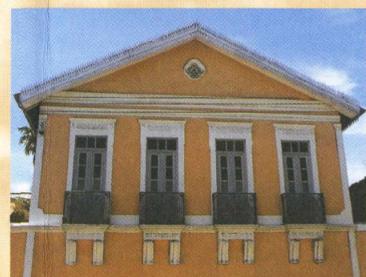
Abre a janela, vem ouvir, querida, vem consolar um trovador que canta; vem jurar teu amor, oh minha santa, vem me dar um adeus, por despedida!...

Quero ofertar-te o meu amor sagrado, quero contar-te o meu afeto louco; Vem, que inda é tempo, embora seja pouco para dizer-te o meu penoso fado.

FONTE
Música: Walter Baptista de Andrade
Letra: "Trovadores Potiguares"



Solar Bela Vista



Abre a janela, vem ouvir, querida, vem consolar um trovador que canta.

relacionados com a sadia boemia que livremente assumiu. Outro problema que decorreu do que acima se expôs: o compositor, aquele que criava uma melodia e a adaptava a versos de um poeta, na grande maioria das vezes se eclipsava à sombra dos nomes mais pesados que era sempre o do criador do poema. Era muito comum ouvir-se dos antigos intérpretes a informação que iriam cantar uma modinha de Auta de Souza, Segundo Wanderley ou outro de nossos

poetas. Auta e Segundo eram apenas autores de versos, mas seu prestígio literário encobria a origem das músicas. A muito usada expressão "cantar uma poesia de ..." é bem esclarecedora. Mesmo assim, a Natal dos fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, fase áurea da modinha local, teve uma considerável produção de melodias, como adiante se verá. O recente levantamento realizado para a publicação "A MODINHA NORTE-RIO-GRANDENSE" mostrou expressivo número de autores e respectivas composições. Foram localizadas 201 modinhas de autor confirmado. Outras 144 eram cantadas na cidade; embora não sendo possível confirmar-se o autor, nada impede de

admitir-se que foram compostas por gente daqui mesmo. Quanto aos autores, considere-se, pelo número de composições: 1- Olympio Baptista Filho (1889-1942) que aparece como o autor mais prolífico, com 35 melodias conhecidas. Mais 16 outras não tiveram as melodias recuperadas. 2- Em seguida, vem Heronides da França (1860 - 1926), com 23 melodias confirmadas e 10 atribuídas. 3- Em terceiro lugar, e finalizando a lista para não alongá-la muito, aparece Eduardo Medeiros (1887 - 1961), com 20 composições.

Um detalhe curioso é a presença de mulheres entre as compositoras de modinhas no Estado. Destaca-se a presença de Carolina Wanderley (7 canções), Sinhazinha Wanderley (2), Evangelina Barros, Chiquita Costa, Etelvina Antunes de Lemos e Judite Bezerra de Melo (1 modinha, cada). Não foram, certamente, seresteiras. Suas canções se destinaram aos saraus familiares, mas nada impediu de também serem

Galante
Scriptorina **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
Fones: (84) 211-8241/fax: 211-8790

Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Fotografia
(Fachadas e ruas)
Candinha Bezerra
As demais fotos foram reproduzidas do Livro "A Modinha Norte-Rio-Grandense", de Cláudio Galvão

Colaborador
Cláudio Galvão
Escritor

Programação visual e retoque digital
CO2 COMUNICAÇÃO

cantadas ao pé de uma janela, sob o sereno de uma noite de luar. Vale a pena esclarecer que estes compositores nem sempre conheciam música. Salvo alguns músicos profissionais, compunham "de ouvido" e as suas melodias foram conservadas na tradição oral popular. A pesquisa acima encontrou 50 compositores, com obras conhecidas e mais de uma dezena de outros, com



Judite Bezerra de Melo(RN)

composições apenas referidas. Considerando-se o tamanho da cidade e seu reduzido número de habitantes, não há porque não chegar à conclusão que esta produção foi bastante grande. A bibliografia publicada no



Adolfo França(RN)



Eduardo Medeiros(RN)

Brasil até por volta de 1990, onde se incluíam modinhas e respectivas partituras e não apenas suas letras, permitiu a comparação entre a produção de Natal e outras cidades do país. Nenhuma publicação apresentou número semelhante de autores e melodias confirmadas ao que aqui se verificou. Não há porque não concluir que Natal, se não foi a maior, foi uma das mais importantes cidades modinheiras do Brasil.



Etelvina Antunes de Melo(RN)

Enquanto isso, cidades do interior de Minas Gerais partem para a utilização turística de seus recursos musicais. Grande número de turistas viaja para aquela região com o objetivo de participar das serenatas que ali são promovidas. Em Natal, a serenata foi esquecida. Não se pode esquecer que os tempos mudaram e a segurança não recomenda



andar-se à noite cantando pelas ruas. A televisão tomou quase todos os espaços e não há tempo para outra diversão. A partir de 1956, na primeira administração do prefeito Djalma Maranhão, firmou-se o hábito de fazer serenatas durante as festas natalinas, no aniversário da cidade. Os antigos e novos seresteiros se reuniram em torno de Câmara Cascudo e o ambiente musical antigo era revivido, retomando-se

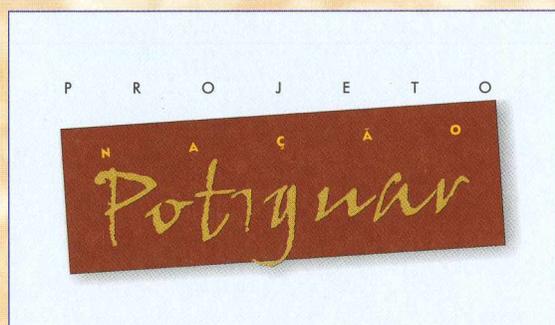
velhas tradições. Depois, não houve mais um administrador público que se preocupasse com esta memória. Natal ainda possui velhas ruas e antigos ambientes onde as serenatas poderiam ser revividas. Isto poderia ser feito com intenções turísticas, aquele turismo musical que tanta evidência vem tendo. Em 1859, Natal era iluminada por lampiões de azeite, 60 na cidade e 40 na Ribeira. À tardinha

passava o acendedor tocando, um a um, com uma vara com fogo na ponta. Em noites de lua cheia não precisava ... Mais tarde, veio a luz elétrica, em 1911. Mas, os seresteiros ainda cantaram por muito tempo pelas madrugadas da velha cidade. No interior das residências, os velhos saraus, onde se cantava e recitava, começaram a ser incomodados pela presença dos

gramophones e suas chapas, trazendo boa música gravada. O cinema aparecia como nova forma de diversão popular. Logo veio o rádio... a televisão... Por mais que sejam válidos os progressos e transformações impostos pela modernidade, nada justifica o esquecimento dos valores do passado e velhas tradições. Por isto, sempre que for possível, vale a pena voltar um pouco no tempo, desligar o televisor e deixar



Sarau. Família no quintal da residência de Jacob Seabra de Melo, Natal, meados da década de 1920. (Acervo de Adail Melo).



entrar pela janela a voz saudosa do seresteiro que, ao clarão da lua na rua deserta, lamenta as mesmas queixas que ainda sentimos hoje.